

# humanitas

Vol. XLI-XLII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XLI-XLII



COIMBRA

MCMLXXXIX-MCMXC

ele abriu em sua casa uma «academia», isto é, uma tertúlia de amigos que é coisa muito diferente. Aliás, Pedro Sanches teve um alto posto na Corte: foi Secretário do Desembargo do Paço.

— Na p. 183, n. 79, a melhor explicação de *duum post funera regum* está no próprio latim e não na história de Portugal. Com efeito, não se trata de chamar «reis» aos irmãos de D. João III («two Kings or future Kings»), mas de observar que *rex* em latim significa também, na linguagem poética, «chefe, príncipe, protector». Aliás, a tradução dada por Martyn, «following the deaths of two Princes» é correcta. A nota é que deixa a desejar.

— Na p. 193, teria valido a pena acrescentar que o poema que Resende não chegou a escrever sobre o casamento de D. Isabel de Bragança com o infante D. Duarte, foi composto por Manuel da Costa, não apenas um grande mestre de Direito nas universidades de Coimbra e Salamanca, mas também um bom poeta latino.

As observações que ficam para trás, algumas entre mais que podiam ser feitas (há muitas «gralhas» em latim e inglês), não afectam o meu juízo de conjunto sobre este trabalho, digno de apreço, do Prof. John Martyn. E creio que os portugueses lhe devem estar gratos pelo seu interesse esclarecido pela vida e a obra de André de Resende.

A. COSTA RAMALHO

*LOGOS. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia.* Lisboa, Editorial Verbo, Vol. I (A-D) 1989. 1512 colunas.

De uma enciclopédia de Filosofia, ainda que seja a primeira em língua portuguesa, não caberia, aparentemente, dar notícia nesta revista. Mas a verdade é que estamos perante uma obra onde, como não podia deixar de ser, a matriz greco-latina aparece a todo o momento — é raro o artigo sobre conceitos filosóficos que não principia pela sua análise nesse período — e onde, além disso, figuram em grande número os pensadores e escolas helénicas, desde os pré-socráticos aos últimos neoplatónicos, bem como os seus transmissores romanos.

Merece especial relevo o longo e bem estruturado artigo de Carlos Silva sobre *Aristóteles*, seguido de outro, do mesmo autor, sobre *Aristotelismo*, o qual é completado pelo *Aristotelismo em Portugal*, por F. Gama Caeiro (período medieval), A. Coxito (sécs. XVI-XVIII) e Braz Teixeira (sécs. XIX-XX). Esta relação dos grandes sistemas filosóficos com a sua repercussão no nosso País é, de resto, uma constante ao longo da obra, que permite que, nalguns casos, vá ganhando novos contornos a história da cultura portuguesa. Novamente por Carlos Silva, destaca-se também o tratamento dado a *Caverna, Alegoria da*.

De interesse imediato para os classicistas (de interesse mediato serão todos) são também definições como a de *Catarse* (por V. M. Aguiar e Silva) e de *Civilização e Cultura* (por Manuel Antunes). Este último é uma síntese modelar de uma questão extremamente complexa, feita por alguém que marcou gerações como pensador e como historiador da cultura.

Conhecidos professores de Filosofia (três da Universidade Católica, Roque Cabral, Manuel da Costa Freitas e J. Bacelar e Oliveira; um da de Coimbra, Alexandre Fradique Morujão; outro da de Lisboa, Francisco da Gama Caeiro; e um do Instituto Brasileiro de Filosofia, António Paim) formam a direcção desta Enciclopédia, cujo primeiro volume contém artigos de mais de cem colaboradores. Estão previstos mais três tomos, que virão a constituir certamente um instrumento de consulta indispensável aos estudiosos.

M. H. R. P.

R. A. TOMLINSON, *Greek Architecture*. Classical World Series. Bristol Classical Press, 1989. VIII + 104 pp. e 44 figuras.

O A. é bem conhecido dos historiadores da arte grega, quer pelo facto de ter procedido à revisão actualizada do célebre tratado de A. W. Lawrence, *Greek Architecture* (Penguin Books), na sua quarta edição, em 1983 (reimpressa em 1987), quer pelo de ser o director do Anuário da Escola Britânica de Arqueologia em Atenas.

Entendeu, e bem, este professor de História Antiga da Universidade de Birmingham que havia lugar, ao lado dos já clássicos grandes manuais de Arquitectura Grega, como o acima referido, ou os de Dinsmoor e de D. S. Robertson, para um estudo mais breve, que dissesse o essencial e incluísse as últimas novidades.

São estas precisamente algumas das qualidades que recomendam a obra em apreço.

Depois de uma introdução, trata sucessivamente dos primórdios do templo (sem omitir os dados provenientes dos novos achados de Lefkandi, reconhecendo embora «que nada mais se conhece da Idade das Trevas que possa definir-se como tendo qualidade arquitectónica» — p. 13), distinguindo as duas grandes ordens, referindo os materiais e as técnicas de construção; dos templos do período clássico, especialmente o de Afaia, o de Zeus em Olímpia, o Pártenon, o Hefestéion e outros semelhantes a este, o de Atena em Priene e o Artemision de Magnésia; da tipologia dos monumentos gregos. Os dois últimos capítulos, «Edifícios no seu contexto», ocupam-se, um, de santuários, nomeadamente os da Acrópole de Atenas, o de Olímpia e o de Delfos; outro, das cidades. Daqui resulta alguma repetição (fala-se, por exemplo, duas vezes do Hefestéion e do Templo de Zeus em Olímpia) que, aliás, não é inútil, porque vem enquadrar noutra perspectiva os conhecimentos anteriormente adquiridos e traçar, nas linhas gerais, a história do edifício.